



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

MIMI, NECAS E LULÚ NAS VINDIMAS

◀ || Por LEONOR DE CAMPOS || ▶
Desenhos de A. CASTAÑÉ

ESTAO a acabar as vindimas na quinta da avó. E, com grande pesar dos pequenos, as férias estão também por um fio. Daqui a três dias regressam a Lisboa, para recommencarem os estudos. Portanto, toca a aproveitar os últimos dias de pandega!...

Ontem, por exemplo, foi um dia grande. Logo de manhã, depois do pequeno almoço — belo cacho de uvas e uma fatia de pão com mel — a petizada abalou em correria para a quinta. Os vindimadores estavam já na sua faina. As mulheres, com seus lenços garridos na cabeça, as saias apanhadas na cintura, cortavam os cachos e lançavam-os em grandes cestos — os *cestos-vindimos*. E logo que algum dos cestos se enchia, um homem o transportava às costas para o lagar.

Mimi, Necas e Lulú, como de costume, foram ajudar a cortar os cachos. E entusiasmavam-se tanto mais, quanto sabiam que à noite seria o *encerramento oficial* do lagar.

— «Não te canses muito, Mimi!... recomendava o Necas, a cada passo. — Bem sabes que logo teremos que dançar a valer!...»

— «Ora!... Eu nunca me canso!...» — objectava a Mimi.

— «Pois sim!... Mas, em todo o caso, não será mau poupar as forças!...»

A tarde, depois da sesta, continuavam as vindimas. Como esperassem visitas — e que visitas tão agradáveis: vinha a Nelinha e o Jójó e o Toneca e a Bela, tudo meninos amigos, moradores em quintas próximas, — os pequenos andavam no ar.

Apenas ouviam na estrada o som duma buzina, corriam ao portão.

— «São eles! São eles!...» — gritou a certa altura o Lulú.

Num instante o carro chegou junto do portão. E ainda não tinha parado, quando os três petizes se lançaram ao pescoço dos visitantes, em grandes manifestações de entusiasmo.

Toda a tarde brincaram e se divertiram. Até o Lulú, de contente, se esquecera de fazer maldades e partidas.

O jantar da criançada foi servido na quinta. Improvisou-se na eira uma mesinha e cada qual tratou de escolher uma boa pedra para se sentar.

A meio do jantar o Lulú, que escolhera para assento uma pedra um tanto ou quanto bicuda, pôs-se a fazer caretas. A criada que os servia reparou:

— «Que tem o menino?
Dol-lhe alguma coisa?»

(Continua na página 3)



O CARACOL E A ARANHA

■ Por LAURA CHAVES ■

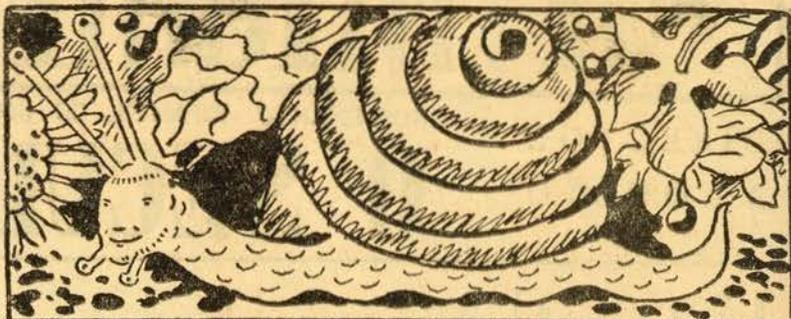
NAQUELA manhã de Julho,
de visita a Dom Gorgulho,
inda mal o sol se via,
já Dom Picoto subia
a parede, atarefado.
Ora o hicho assim chamado
era um caracol ladino
azougado e pequenino.

Pois subia o caracol,
com seus pausinhos ao sol
quando viu, empoleirada,
certa aranha esgrouviada
senhora de muitas manhas
que era tida entre as aranhas
como intriguista de fama.

Na língua dessa madama
todo o bicho era malvado,
não havia nome honrado.
Dom Picoto quando a via
cinco centavos perdia
como é costume dizer-se.

Tratou logo de encolher-se,
de recolher a penates,
para evitar disparates.
— Com bichos desse teor
o silêncio inda é o melhor.
Mas a aranha, que o bispou,
logo a correr avançou,
dizendo toda lampeira:

— Onde vai nessa carreira
e tão açodado, assim,
que nem sequer dá por mim?
Perante tamanho assédio
não havia mais remédio,
tinha de a cumprimentar,
de sofrer e de *gramar*
os enredos e as intrigas
que ela com suas amigas,



aranhas intelectuais,
das que escrevem nos jornais,
haveria de tecer.

Deixá-lo... tinha de ser.
Com toda a afabilidade,
como é uso em sociedade,
curvou-se Picoto, então,
e beijou a fina mão
dessa aranha enredadeira,
falando desta maneira:

— Mas que distração a minha!
Ia passar-lhe à beirinha,
Senhora, sem lhe falar!...

— Traz a cabeça no ar!
disse a aranha rabiosa,
numa risada maldosa.

— Quem na vida anda alheado
ou é parvo ou namorado...
O seu caso é o segundo,
pois já sabe todo o mundo,
(sua paixão fez barulho)
que ama a filha do Gorgulho.

O caracol deu um pulo
ao ouvir tal, ficou furo
e perdeu as estribeiras.

— Que súcia de lingüareiras!

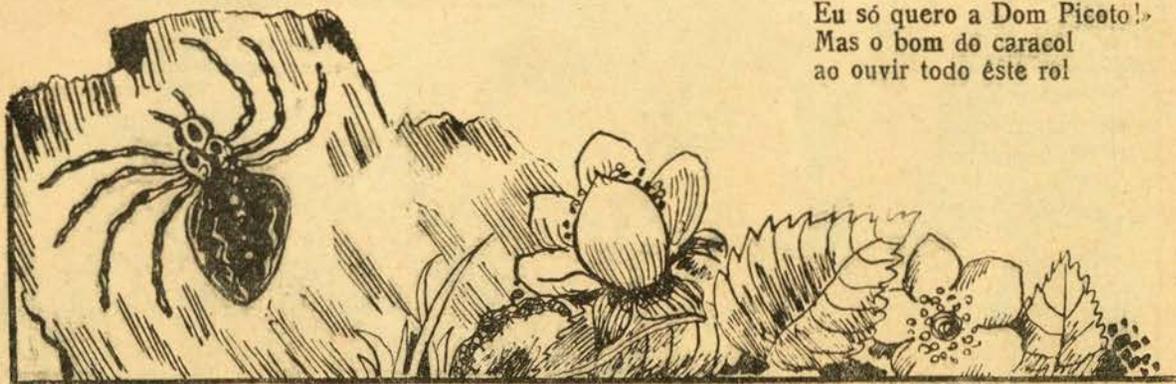
gritou, fazendo-se verde.
— A senhora não mas perde!
Se o não sabe, oiça o que eu digo:

A filha do meu amigo
é noiva do pirilampo,
já tem casa no campo
e o padrinho é o lagarto.
Palavra, vou estando farto!
A aranha muito danada
sôbre as pernas esticada,
pôs-se nos bicos dos pés
e olhando-o, então, de reves:
os olhos chispando lume,
respondeu com azedume:

— O pirilampo, coitado!
Esse é um parvo chapado!
e rematou em tom calmo:
— Por êle não ver um palm
adiante do nariz,
é que o pobre do infeliz
anda de lanterna acesa.

A Gorgulha, com certeza,
(eu sei isto pela Osga)
tem tal quisilia ao pitosga
que fez este juramento:
«Mando à fava o casamento,
porque não me dá no gôto.

Eu só quero a Dom Picoto!
Mas o bom do caracol
ao ouvir todo este rol



Mimi, Nécas e Lúlú nas vindimas

(Continuação da página 1)

Então o Lúlú que até aí se contivera, para não dar parte de fraco diante das meninas, desabafou:

— «Pudera!... Se te parece!... Não que estas cadeiras de *suma-a-pedra* são cómodas!...»

Todos riram e a criada tratou logo de substituir a pedra em que Lúlú se sentara, por outra mais lisinha.

E o jantar terminou, sem mais acontecimentos.

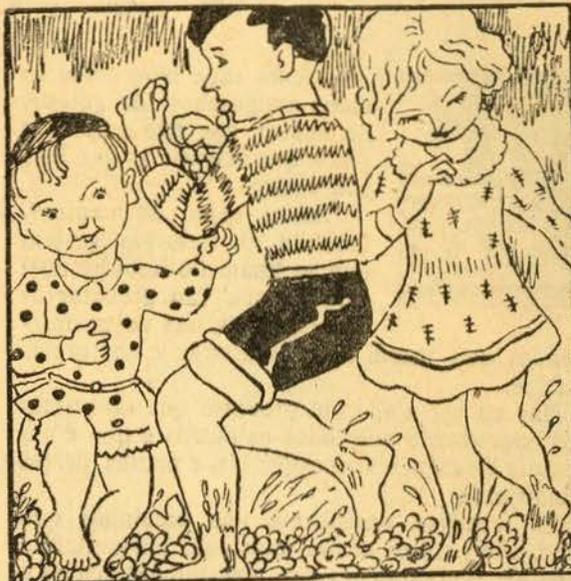
Eram 8 horas quando principiou a festa da despedida no lagar.

Já todos os homens estavam dentro do tanque, onde se procedia à pisa das uvas. Calças arregaçadas, passeavam dum para outro lado, tocando e cantando.

E apenas o rancho dos visitantes, entre os quais os sete pequenos, se aproximou do lagar, logo os homens desataram a cantar em sua honra. A petisada estava contentíssima e não se cansava de dançar. De súbito um dos homens, o *Manel da Tia Rosa*, improvisou uma quadra:

« — Vivam os lindos meninos
que vieram ao lagar!...
Deus lhes dê tanto dinheiro,
que não no saibam contar!...»

Os pequenos deliravam. Puseram-se a bater as palmas com tanta, tanta força, que as mãos lhes ficaram a arder.



A gente grande aplaudiu também. Então o *Manel* para disfarçar a comoção que lhe produzia tanto apláuso, agarrou no *Roberto*, um boneco de madeira, vestido de trapos, e desatou a bater com ele nas cabeças dos companheiros. Todos riam, tentando escapar. Mas o *Manel*, incansável, não desistia.

— «O Roberto é bom rapaz!...»

Trás! Trás!...»

E chuvia a pancadaria nas cabeças dos parceiros, no meio da gargalhada de todos os assistentes.

A avó deu o sinal da retirada. Os pequenos, embora cheios de pena, viram-se obrigados a obedecer.

E daí a pouco, depois duma ceia esplendida que a avó mandou servir no terraço, os convidados retiravam-se e a Mimi, o Necas e o Lúlú recolhiam aos seus quartos, na melhor ordem.

Porisso esta manhã a avó chamou-os e, depois de os felicitar pelo seu bom comportamento, ofereceu a cada um deles uma lembrança:

- Para a Mimi um frango de raça.
- Para o Necas um pato pequeno.
- Para o Lúlú um coelho «Angora»



■ F I L M ■

de mentiras, de patranhas, sentiu nas suas entranhas tamanha raiva a trepar, que teve de se agarrar com toda a gana a uma fôlha para não dar uma trolha no focinho com peçonha dessa aranha sem vergonha.

Respondeu por fim o pobre:

— Senhora, não fôsse eu nobre, que á fé de lesmas bravias, por essas aleivosias que vos saiem do miolo vos punha a cara num bôlo!

Nesta altura, à discussão, já enorme multidão assistia revoltada. Até a própria visada, seu noivo e mais o Gorgulho ouviram tal sarrabulho.

Cheios de fúria tamanha avançaram sobre a aranha. Ante essas intenções más a bicha fez *marcha atrás*, escorrega e — ó diacho! trambulhou parede abaixo. Mas não pensem que cáiu ficou agarrada ao fio.

A bicharia surpresa vendo assim fugir-lhe a presa que a justiça popular resolvera exterminar, gritava muito excitada: — Á morte a língua danada!

A aranha que tal ouvia inda por cima se ria! Mas como ela estava, então, muito distante do chão, era caso para rir porque, como ides ouvir,

(Conclui na pag. 5)

FORMIGAS GULOSAS

Por ANÃO SABICHÃO
Desenhos de A. CASTANÉ



ESTE Anão sabe bem como os meus amiguinhos são gulosos de açúcar, por isso calcula a graça que acharão ao que lhes vou contar.

Assim como os meninos, também as formigas gostam que se finam de líquidos açucarados que vão procurar às plantas, além das visitas inte-

ressadas que fazem aos açucareiros e aos pratos de doce.

Mas eu sei ainda um processo que elas usam mais interessante que todos os outros e que é um exemplo de sagacidade, esperteza, e manha destes animaisinhos.

As formigas descobrem uns bichinhos que criam, não para os comer, mas para aproveitarem deles um líquido açucarado, exactamente como o homem utiliza o leite duma vaca.

Entre esses animaisinhos, o mais vulgar é a pulga das plantas. Esses bichinhos são um achado esplêndido para as formigas, pois lhes fornece um líquido que elas muito apreciam.

E sabem os meus meninos como o obteem?

Batendo com as antenas nas costas das pulguinhas.

Trazem-nas das plantas onde eles vivem aos



milhares e criam-nas nos formigueiros, tratando-as como os pastores tratam as ovelhas e os carneiros.

Tem ou não tem graça este sistema engenhoso de arranjar uma guloseima que é para elas um petisco de mão cheia?

O pior da história, é que não são só as formigas a apreciá-lo, também os mosquitos são grandes apreciadores desse suco doce.

E o que fazem eles?

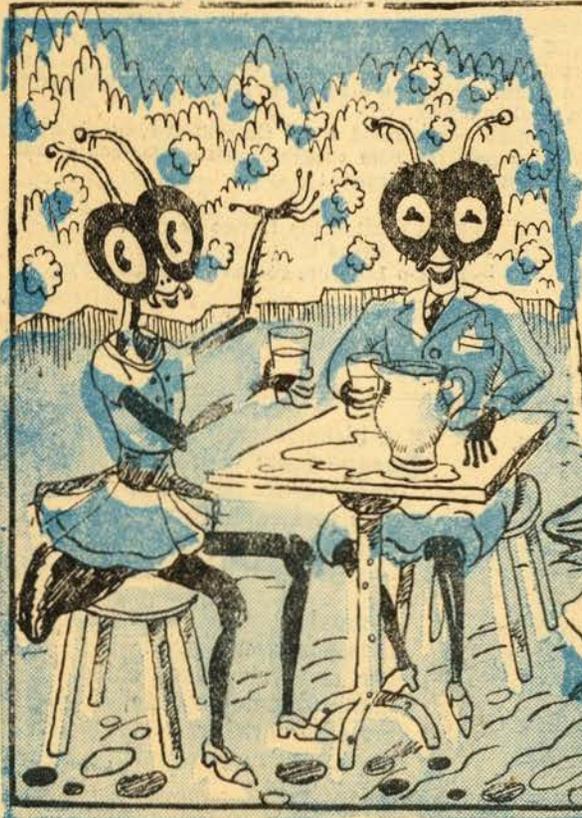
Na ocasião em que as formigas acabam de tirar o líquido das pulguinhas, o mosquito, que as esp्रेita, fá-las parar, deita-lhes as patas, detrás, á cabeça, esfregando-a muito bem, com elas.

A formiga, durante esta operação, fica imóvel e só mexe as mandíbulas, donde sai uma gôta do alimento adocicado que o mosquito logo engole.

Dizendo mal á sua vida, a pobre formiga segue o seu caminho e o danado mosquito põe-se outra vez de atalaia, á espera de nova vítima.

Mas as formigas aproveitam o líquido de mais animais pequeninos que levam para os formigueiros.

Os meus amiguinhos que terão, talvez, nas suas casas, cães, gatos, canários, piriqritos, papagaios etc., ficarão muito admirados se souberem que nas casas das formigas existem bichinhos que correspondem a esses animais domésticos!





Na América, há umas formigas, conhecidas por *formigas de mel*, que teem nos seus formigueiros, além das formigas operárias, que são as que trabalham, e das formigas soldados, que são as que fazem a polícia, umas outras muito redondinhas que parecem inchadas.

E inchadas estão, na verdade, cheias dum líquido açucarado.

São elas que servem, nas épocas de fome, para alimentar a república.

O amigo Anão, vai explicar aos meus meninos, como o caso se passa.

Enquanto faz bom tempo, as formigas recolhem

esse líquido, dos bogalhos dos carvalhos.

O formigueiro, na raíz dessa árvore, tem lá dentro, um compartimento com teto, onde se agarram, pelas patas, as formigas cheias do líquido. Dali não saiem.

As formigas operárias, quando estão com fome, aproximam-se delas, tocam-lhes com as antenas e assim obteem uma gôta de mel.

No México, a gente do campo que também é gulosa dêsse líquido, chupa os insectos que depois deita fóra.

Se eu fôsse a contar-lhes casos estravagantes da vida dèstes inteligentísimos animaisinhos, nunca mais acabaria!

Mas, como acho o assunto muitíssimo interessante e instrutivo, prometo, de vez em quando, voltar a êle, certo que os leitoresinhos do *Pim Pam Pum* muito contentes ficarão, com tal idéa.



O CARACOL e a ARANHA

(Continuação da página 3)

a justiça, que não dorme, quiz dar-lhe um castigo enorme.

Partiu a tóla e a espinha e, estrebuchando, morreu.

O fio por onde a aranha descia, cheia de manha, tornou-se tão delgadinho, tão ténue e tão fininho que, de repente, estalou e logo a todos vingou.

Agora conto-vos eu porque o fio se quebrou. A bôca que o segregou só sabia bem mentir e quando quiz produzir obra forte, com verdade, não teve capacidade trambulhando lá da altura.

«Que uma bôca mentirosa pode fazer tanto mal como a faca ou o punhal, um mal que aniquila a gente porque mata moralmente.

A mentira leva a palma ao mal, o mais horroroso, porque tem lepra na alma aquele que é mentiroso.

Dona Aranha deu tal tombo que foi bater com o lombo em cima duma pedrinha.

Sirva a toda a criatura esta lição proveitosa;

✱ F I M ✱

A BASÓFIA CASTIGADA

Por GRACIETTE BRANCO

ISABELINHA era uma menina muito bonita, muito amiga dos pobrezinhos, mas que tinha um grande defeito: era muito basofoeira.

Dizia sempre que nada a assustava! Que dominava todos com a sua vontade, a sua força moral! Que era uma valentona, uma heroína!...

Um dia, entrou, para o serviço da casa, uma criada pequena a que, vulgarmente, chamamos *criada de algibeira*.

A rapariguinha chamava-se Maria e tinha muito medo do cão de Isabelinha, um lindo Terra Nova, de olhos ternos mas dentes aguçados.

Não se imagina o tormento que a pobre Maria passava, sempre que Isabelinha lhe dizia:

—«Maria: traze-me o Fiel pela coleira!

Maria: vai meter esse osso na boca do Fiel!

Maria: faze festas ao cão!...»

Muitas vezes a pequena, assustada, chorava e então a Isabelinha ria a bom rir, exclamando:

—«Palerma! Não tem vergonha de ser medrosa?

Pois eu não tenho medo de nada! Sou uma valentona! Nada me assusta! Até era capaz de beijar um tigre!»

A ingénua Maria abria muito os olhos e ficava a olhar a sua menina que era tão valente tão destemida, que até era capaz de beijar um tigre!...

Ora a Isabelinha tinha um tio que, há muito, vivia em África e um dia escreveu, anunciando o seu regresso a Portugal.

No final da carta, dizia assim:

—«Levo um presente a Isabelinha que a vai deixar aos pulos de alegria! Não lhe digo já o que é, porque, sendo surpresa, tem mais graça...»

Escusado será dizer que a Isabelinha, como todas as crianças, ficou radiante com a promessa e a sua fértil imaginaçãozinha logo começa a idealisar o cobiceado presente. Lá do canto, a Maria exclamou:—«Olhe,



menina: como o seu tio vem de África, talvez lhe traga um tigre...»

E logo a Isabelinha, toda pimpona:

—«Quem me dera!... Era bem bom. Tu, com certeza, morrias de medo, mas eu adorava, porque não há bicho nenhum que me assuste! Sou uma valentona!»

Passado tempo, um telegrama anunciou a chegada do tio. E o tio chegou finalmente.

Muitos beijos, muitos abraços, prendas para a Mãe e para o Pai e, finalmente, diz o tio:

—«Agora a prenda da nossa Isabelinha!...»

E, abrindo um caixotinho quadrado, tirou dele um engraçado macaquinho que, solto da sua incomodativa prisão, desatou aos pulos e aos guinchos, com trejeitos e caretas que fizeram perder de riso a criadita Maria.

Pálida, Isabelinha, recuou dum salto e atirando-se ao pescoço da Mãe, começou a gritar:

—«Não quero! Não quero! Tenho medo! Ai! Ai! Ai!»

Desapontado, o tio tentou sossega-la, afirmando-lhe que há três anos conservava aquele macaco que nunca fizera mal a uma mosca!

Então a Maria exclamou lá do canto:

—«Deve ser uma fera muito perigosa, deve! Para a menina ter medo!... O que ela esperava era um tigre!»

Foi gargalhada geral.

E quando a Mãe de Isabelinha explicou ao tio africano a basófiazinha de Isabel, êle exclamou, docemente, afagando-lhe a cabeça:

—«Sem querer, Isabelinha, dei-te uma bela lição! A basófia é um defeito que, além de nos prejudicar como todos os defeitos, nos cobre de ridículo!»

E a Isabelinha modificou-se, com a lição que o acaso lhe deu.



■ F I M ■

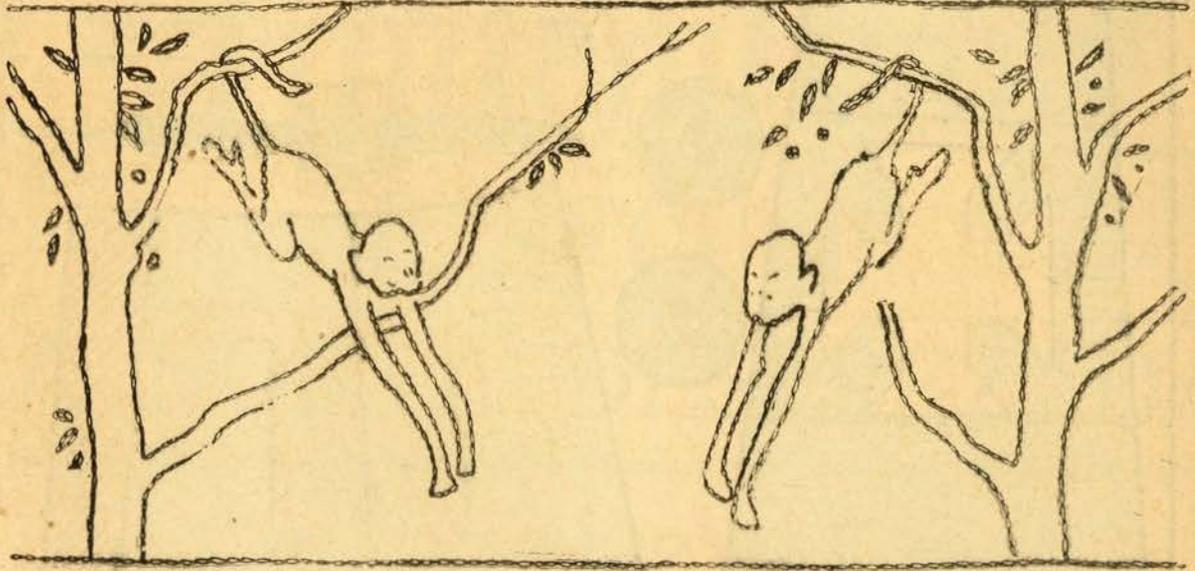
O LINDO LIVRO

PRESENTE DE NATAL

que Editorial-Século pôs, á venda e de que são autores Graciette Branco e Augusto de Santa Rita é constituído por 22 lindos contos em prosa e verso.

SÃO 104 PAGINAS, 40 ILUSTRAÇÕES, E CUSTA, APENAS, 5 escudos

O CESTINHO da COSTURA



Queridas abelhinhas:

Eis um friso de macacos que vos pode servir para muitas e variadas aplicações.

Quereis, por exemplo, fazer umas toalhinhas? Um guardanapo para bebé? Um bibe para a boneca? O fôlho para uma étagère? etc., etc.? Em tudo isso o friso dos mônos fará barrinhas engraçadas.

Precisam (e isso percebe-se bem) de repetir o

desenho até dar o tamanho desejado para completar a barra.

As côres a aplicar são as seguintes:

Castanho para as árvores,

Verde para as fôlhas,

Cinzento escuro para os macacos.

Olhos castanhos. Bôca e nariz encarnados,

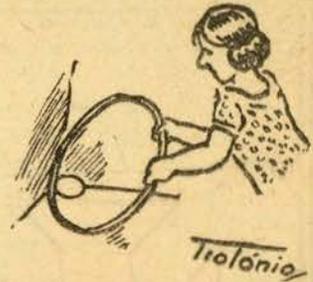
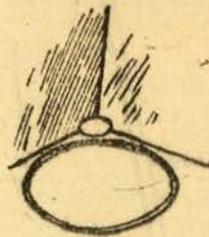
Vossa

Abelha Mestra

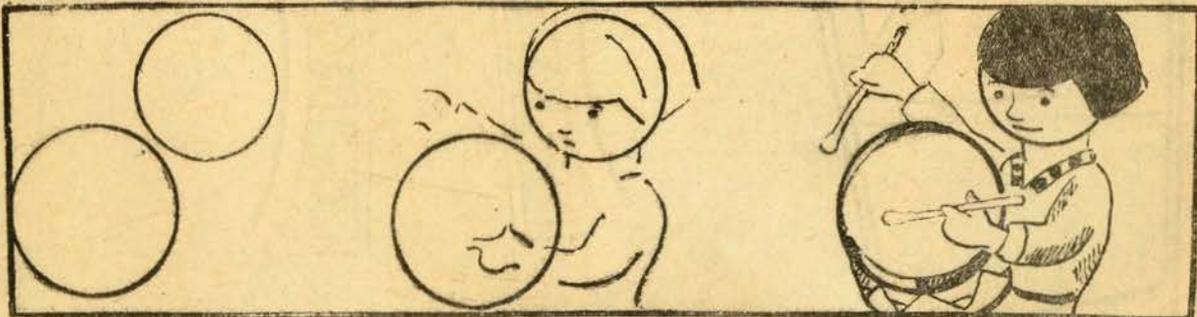
COISAS FACEIS QUE NINGUEM FAZ

PARA esta esperiência é necessário um arco e um ôvo. Proponham aos vossos amigos o seguinte «Tirar um ôvo do canto de uma casa, servindo-se, apenas, de um arco».

A todos parece fácil, mas tenho a certeza de que ninguém é capaz de tal façanha, como se pode verificar pelas gravuras que ao lado publicamos.



L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha um menino com um tambor

Um aeroplano

Construção para amarrar

nº 1

